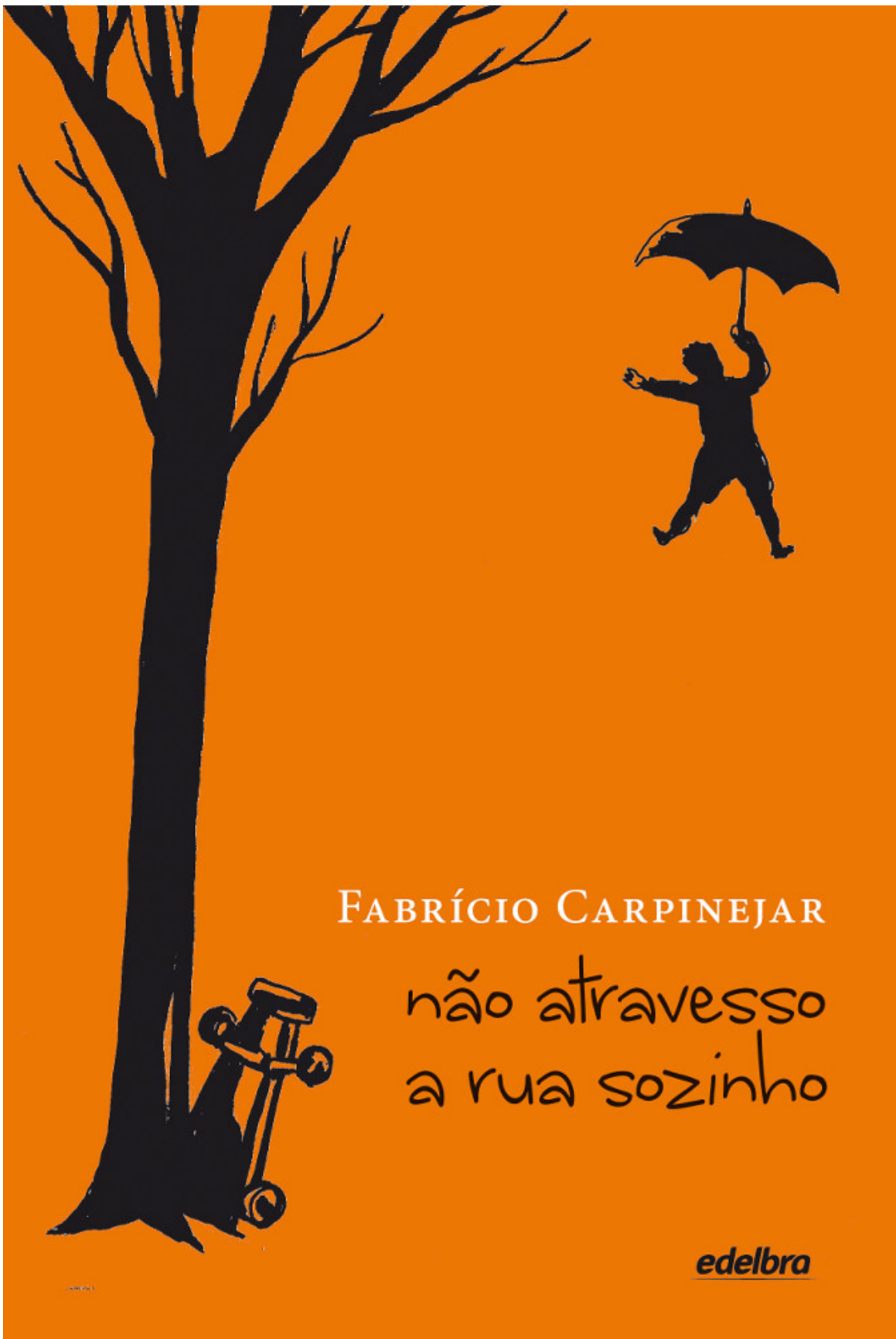




FABRÍCIO CARPINEJAR

não atravesso
a rua sozinho

edelbra



FABRÍCIO CARPINEJAR

não atravesso
a rua sozinho

edelbra



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





FABRÍCIO CARPINEJAR

não atravesso
a rua sozinho

edelbra

A **Coleção Vida em Pedacos** apresenta as lembranças de infância de Fabrício Carpinejar. Nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta. Através das memórias do autor, temos acesso às nossas felicidades de criança.

Esta é a minha biografia. Se eu inventei é porque não consegui suportar a realidade.

Sumário

Capa
Rosto
Pré-histórico
Autobiografia não autorizada
Trocado no hospital
Desinventando
Espero meu amor com muitos bolsos
Eu já fui florzinha
Emoções de Scott
Ferida de lã
O menino que virou água
Barbada
As patas do pátio
Contagem
Antes de mim
Leituras frias
O precipício do pecado
Lapso paterno
Sesta e galinha recheada
Retrato dos animais da casa
O sexo das sombras
Prendedores
Nove anos
Minha primeira namorada
Mendigos de família
Sinos de pedra
Pontaria
Autores
Créditos



Pré-histórico

A televisão preto e branco aumentava os contrastes do mundo. Colocava celofane amarelo para colorir artificialmente.

Não existia controle remoto. O aparelho repousava na sala, nunca no quarto, numa estante majestosa, e não foram poucas as madrugadas em que dormíamos com o visor aceso para apagá-lo somente ao acordar.

Escolher um canal no inverno significava ser fiel a ele durante toda a noite. Faltava coragem para se levantar e girar o botão (girar, não apertar).

O rádio nos pegava pela mão, e lembro que perdia horas olhando suas válvulas acesas. Pelo cheiro de madeira abrasada, descobria que estava ligado.

Ter telefone fixo constava como luxo; orelhões cumpriam urgências. O jeito de conversar era passar na casa do amigo e ver se ele estava, e deixar recado para que ele passasse de volta na minha.

Nenhum sinal de computador, e sim da operosa máquina de escrever. O pai virava mecânico para trocar as roldanas das fitas e engraxava as unhas por três dias.

Músicas vinham do toca-discos. Havia a arte de não arranhar os LPs ao pousar a agulha. Fui costureiro de sons.

O armazém vendia fiado e a granel. Despedia-me com o “põe na conta”. Suas portas de correr me acordavam para não chegar atrasado na aula. Os baleiros giravam cintilâncias e 7 Belo. Não encontraria cacetinhos, mas pão de 1/4 e 1/2, inteiros. Fatias cortadas pequenas para matar a fome da família. Roubava o miolo enquanto regressava das compras. Meus pais comiam as cascas.

Suco no almoço e na janta; refrigerante no fim de semana e de garrafa de vidro de um litro.

Pátio desembocava na rua. As residências tinham um muro baixo de pedra, longe de cercas elétricas, alarmes e campainhas. Batiam-se palmas para chamar os moradores. Eu habitava a calçada mais do que meu quarto,

dividido com dois irmãos. Jogava pião nas lajes, amarelinha, arremessava pedras em latas.

Saía para jogar futebol e caçar terrenos baldios perfeitos para nossas peladas. Quando o futebol não acontecia no meio da rua, garagem a garagem. Carros vinham escassos e lentos. Parávamos o jogo quando ouvíamos o motor e logo continuávamos com a bagunça. Não recorro de nenhum menino atropelado. Algumas bolas furavam debaixo dos pneus ou estilhaçando vidraças.

Hidrantes pediam esmolas. Bebíamos água nas torneiras dos outros, nenhuma solenidade para entrar, sem essa de pedir licença.

Voltava para o lar de noite, minha mãe não azedava de preocupação. Bastava que soubesse que estava com Irajá, Zé Carapuça, Liquinho, colegas da escola.

Os animais de rua terminavam adotados, nos seguiam e já providenciávamos banho e comida e eles ficavam. Tive três cães assim, sem dono como eu.

Futebol de botão movimentava os guris na sala de estar. De premiação, revezávamos uma única medalha, de meu avô da II Guerra Mundial. O broche azul e vermelho correu pelas caixas de sapatos dos guris do bairro e me dedicava a recuperá-lo no próximo campeonato.

Não andava com dinheiro, tomava carona de ônibus.

Entrava no cinema uma única vez por ano. Eu me excitava com as estátuas femininas da Igreja São Sebastião.

Álbuns eram completados com o bafo no recreio. Batia leve, fazia vento das juntas do cimento.

Sorvete ou feito em casa nas formas de gelo ou para os que recebiam mesada e frequentavam a Ilhabela e comiam o tradicional carioca (morango com chocolate) e aquela casquinha com gosto de hóstia.

Os pirralhos andavam na escola de canivete e escapulário, as formas que existiam de defesa. Quando algum se apaixonava, escrevia o nome da amada no balanço da praça.

Dificilmente senti fome, porque roubava frutas: bergamota, laranja, carambola, pitangas, amoras; dependurado no telhado.

Contava com uma roupa para festa e uma surrada para os demais dias. Não apertava minha cintura com cinto e elástico.

O velho abacateiro era o sábio das árvores, muito alto para colher seus dons. Lojas fechavam ao meio-dia.

Minha família arredondava o expediente com sextas.

Para o desespero dos seus proprietários, as lajes viviam riscadas devido à corrida de carrinhos de rolimã. Meses planejando os carros, o leme e polindo rodinhas.

Os gritos dos feirantes, dos vendedores e do amolador de facas aceleravam a precipitação das lombas.

Senhoras varriam as ruas e queimavam as folhas em montinhos nas esquinas. Fumaça e neblina ardiam meu rosto nos entardeceres.

Minha infância é muito antiga.

É a explicação que encontro para a compulsão em escrever minha memória aos 40 anos. O que insinua uma precocidade demarca o desaparecimento de um tempo, que não será conhecido pelos meus netos, muito menos pelos meus filhos.

Nasci antes do mundo se ajoelhar para a tecnologia. De viver trancado em casa ou em *shopping*. Sou um jovem pré-histórico. Ancestral.

Há um abismo absurdo entre quem tem 40 anos e 25 anos. São naturais de países longínquos da memória. E nem tanto entre quem tem 40 e 60, que partilham experiências similares de formação.

Desde quando era magro, franzino e miúdo, minha infância me envelhece bem mais do que eu.

Autobiografia não autorizada

Minha biografia é um rascunho para romance. Não estarei nela.

Quando pequeno, preservava uma caixinha de sapatos com bonecos de madeira, pequenas lascas de árvore em que desenhava o meu rosto.

De dia, minha irmã me mandava pastar; de noite, me mandava tomar banho para me lavar da sujeira que me mandou da primeira vez.

Escrevia mais no tempo em que era analfabeto.

A infância é mais um susto do que outra coisa. O que vi em meu bairro de guri matando gato e passarinho não tem cabimento. Juntava os passarinhos mortos do bueiro com a taquara de roupas e preparava o enterro no pátio de casa. Acredito que o pátio de casa até já voou com tanto passarinho enterrado.

Não mexia nos gatos — fediam a sete mortes.

Usava as meias pretas do pai como mortalhas. Ele não encontrava seus pares na gaveta e saía combinando meia marrom com preta.

Era desajeitado demais para me sentir vivo. Uma das professoras advertiu a minha mãe de que não iria completar os estudos, que não teria condições de ler, terra viciada em capim. Só tirava NS no ditado. No final do ano letivo, uma súbita mudança. Estalei para o verbo, a partir de jogos infantis com as letras que a mãe criou. O estalo foi de osso quebrado.

Minha linguagem é manca. Como não consegui vencer meus inimigos, juntei-me a eles para rir de mim.

Não levo tudo muito a sério porque não gosto de carregar nada. Recebi os mais implacáveis apelidos na infância, aceitava, ria e tocava a respiração adiante. Não me sentia humilhado. Me antecipava às piadas sobre minha feiura e elas ficavam velhas nas bocas dos outros.

Sinto uma timidez terrível. Mas sinto medo de ser tímido para não sofrer — é o que me faz não ser tímido. O medo de ser tímido é maior do que a timidez. Sou expansivo por falta de opções.

Quando encontramos as legendas, demoramos mais para apagar as imagens. Terminei sendo um ponto-e-vírgula, não tenho coragem de terminar uma frase e muito menos certeza para começar outra.

•

Eu apenas me interessava por fatos que ninguém conseguia explicar. A desistência da explicação é o início do poema.

Ninguém mais se observa. Se observar com atenção alguém, saberei mais dele do que ele próprio. Pouco conservo de mim.

Superei a fase de torcer pela minha desgraça. Houve um tempo em que rezava erros para contar com a desculpa de errar de novo.

O elogio da desgraça é uma forma de vaidade. Fui vaidoso de infelicidade. Cada tragédia era bem-vinda. Eu me divertia com o sofrimento. Assim desfrutava de mais histórias para narrar.

O problema da alegria: é muito lacônica, guarda o melhor para si.

A tristeza é bem mais falante, reparte o pior com todos, escandalosa como uma tia míope, que andava sem calcinhas na hora de abraçar os sobrinhos.

Não posso falar dela. Vibrava quando o ônibus vinha lotado. Podia me esfregar nas meninas sem me importar com a educação. Não me esqueço da menina que disse que ficou grávida de pé no ônibus. Depois disso, tomei cuidado até com a roleta.

O mesmo aconteceu quando me informaram que o peixe tem uma bexiga natatória. Nunca mais comi peixe, pensando que ele nadava em seu mijo.

É engraçado quando escuto que um casal se apaixonou pelo destino. O casal não fala que se separou pelo destino. Quem vai pelo destino volta por outra rua.

Vou a um estádio de futebol para ficar sozinho.

Alcançar objetivos me dá sono. Como deixar as camisinhas no bolso da calça e perceber ao estender as roupas.

O que levamos do mundo não significa que conhecemos. Convenci-me de que era um gênio incompreendido, em seguida botei na cabeça que era um tolo incompreendido e, ao final, me satisfazia em ser apenas um tolo. Ao menos, venho me reduzindo ao essencial.

Nunca tive dezoito anos — isso posso afirmar com segurança. A adolescência é morar ilegalmente no corpo.

A realidade anda tão irreal que prefiro negá-la para não ser considerado louco.

O pressentimento pesa.

A impaciência me salvou de enlouquecer.

Não esperei o final de minhas ideias para me concluir.

A liberdade e a felicidade são antagônicas.

Eu fui mais feliz preso a uma mulher do que longe dela.

O mundo pode ser dividido entre os que concordam rápido e os que discordam igualmente rápido.

Tinha uma namorada que reencontrei madura e não a reconheci. Eu sabia seu sobrenome pela pinta perto da boca. Ela tirou a pinta e não havia mais nada a conversar. Eu amava sua pinta mais do que sua boca. Ficou desdentada de pinta.

Meu esquecimento não é um objeto de interpretação. Um dos cheiros que não quero perder é o do braço da avó. O cheiro de sua velhice. Figos em calda. Pele macia, como se não houvesse mais veia esticando o sangue. Cadeira de balanço não precisa de almofada, essa era minha vó.

Não dependi de bigode para mostrar que cresci. Não fiz a crisma para não chegar tão rápido na extrema-unção.

Emprego a sobriedade somente para pedir um café.

Rumino o que as pessoas umedecem, como uma esponja.

Humedecer é melhor do que umedecer e demora mais para secar.

Ser o que não sou é também continuar sendo.

Desejo ser mais boato do que notícia. O boato exagera, a notícia omite.

Aquilo que uma mulher ou um homem imaginaram também existiu. O que imaginamos também é biografia. Se eu não confesso um amor, não significa que ele não ocorreu, porque ele me fez existir.

Não uso relógio. Relógio é perigoso por dentro, serve para montar explosivos, com peças miúdas cheias de contraindicações.

Estou atrasado se não encontro determinado passageiro ao meu lado no banco do metrô.

Fui funcionário público e me cansei de fingir que trabalhava. Meu rosto virou uma praça sem brinquedos. Corto a vegetação alta a cada dois meses.

•

Como asmático, me afogo quando não nado.

A única saída de emergência ao poema continua sendo a morte, não a gaveta.

Minha unha é marcador de página.

Conheci gente que se excitava com uma mera lambida de seu cachorro, mas não dou nomes.

Os girassóis se comovem cedo demais.

Minha pureza ficou com as putas.

Abro a janela do carro para me despentear dos dois lados.

O beco é o cotovelo do bairro. Um bairro sem beco teve seu braço amputado e ficou com mão única.

Eu me encosto para germinar ombros.

As dunas não viram o mar.

Excesso de luz dói mais do que excesso de escuro.

Não renuncio de brincar mesmo quando estou trabalhando, pois a seriedade facilita a angústia.

Quando morrer, espero que seja tarde para morrer.

Trocado no hospital

Jurava que tinha sido trocado no hospital. Toda criança parte dessa suspeita, que é uma curiosidade do amor. Eu culpava o mundo por ter nascido, nada melhor do que começar pelos pais.

O temor de ser rejeitado faz com que a gente rejeite antes. Para não sofrer tanto depois, antecipa-se o pagamento do sofrimento. Era bem diferente de meus irmãos: Miguel e Rodrigo, cabelos cacheados, ou Carla, com um rostinho esculpido economicamente. Minha feição afundava a cada dia como uma bacia para pisar as uvas. Só há uma fotografia minha dos nove meses, os olhos como um saco informe de bolas de gude. O pescoço não conseguia sustentar a cabeça erguida, caindo levemente para a esquerda. Estava com um tip-top branco, que acentuava o caráter de assombração.

Mas não tirei a ideia do nada. Uma tia, extremamente maldosa, narrava que nasci cheio de bolinhas na face. E, de repente, apareceu uma criança desprovida de marcas. O desaparecimento imediato dos sinais perturbava a mim e a minha tia. Ela me convenceu que meu lugar na casa havia sido emprestado.

Pensei várias vezes — por mais que o ambiente do meu lar fosse amoroso — em arrumar uma malinha e fugir, à procura de meu verdadeiro paradeiro. Um dia, cumpri a promessa, andei dez quarteirões chorando e parei numa pracinha para me concentrar no choro. Queria que alguém corresse atrás de mim e me buscasse. Ninguém veio. Anoiteceu e voltei fracassado para casa, sem revelar a minha intenção. A mãe deduziu que brincava com amigos e não reparou na gravidade do regresso. Ralhou apenas: “Vá tomar banho, que já está na mesa”. Desejava fugir para não fugir. Um teste de saudade, devidamente reprovado.

Na época, ensaiei alguns bilhetes de despedida. A sorte é que nunca fiquei satisfeito com o que escrevia. Pelo mesmo motivo, não irei me matar. Meu perfeccionismo impede o suicídio, certo da minha insatisfação com a

redação do bilhete final. Imagina morrer e deixar um erro de português no último texto? Ainda vão falar: o cara nem sabia escrever... Prefiro permanecer vivo a carregar o analfabetismo póstumo.

Fui adotado e os pais me protegiam da origem bastarda — acreditava nisso. Muito revisei minha certidão de nascimento, mexi nos papéis secretos da escrivania paterna, na carteira de vacina, faltou-me sempre a prova. Desde cedo, investiguei a minha vida como uma fraude. Não provei falsidade alguma, tampouco atestei sua veracidade.

Impaciente com a minha teimosia, a mãe decidiu terminar de vez com a desconfiança. Sentou-me em sua frente na mesa da cozinha e, como garfos a concheiar macarrão, retirou uma fotografia de um envelope pardo. Olhei, olhei, olhei assustado. Era a minha cara; entretanto, não era eu.

— É seu avô. Viu? Não há como você não ser de nossa família.

Conformado, baixei o queixo. Quando a mãe concluiu que eu não iria mais contestar, resmunguei num tom bíblico:

— Coitado, ele também foi trocado.

Desinventando

Eu confiava em meus irmãos. Podiam estar mentindo, mas confiava.

O mentiroso apenas quer convencer a plateia de suas invenções. É o último a acreditar. O mentiroso é generoso — mente pelos outros, não para si.

Meu irmão mais velho não conseguia dar conta sozinho de seus projetos. Escavei durante uma semana o quintal porque ele argumentava que do buraco poderia enxergar o Japão. Perdi três sessões da tarde. Saía da aula correndo para prosseguir a investigação psicológica do subsolo. O Japão não vinha e eu estava todo esfolado e esfarinhado de lama. Quando desisti, ele arregalou os ombros e falou com arrogância: “Que pena, mais um pouquinho e poderia conversar com os homens de olhos puxados, andando de cabeça para baixo”.

Eu era dois anos mais novo. Em uma família grande, alguém sempre será o *boy*, a pagar banco, mico e receber as visitas no guichê da mesa da sala. Costuma ser o caçula. Sobrou para mim. Nem aí, pois não me restava razão para discordar do meu início, muito menos do meu fim.

A gente torcia para que os mais velhos casassem logo, para ganhar um quarto único. Os irmãos festejaram a saída da irmã que fugiu com o namorado enquanto os pais gritavam e amaldiçoavam a adolescência. Queria um quarto sozinho para colar cartazes na porta do jeito torto das oficinas de carro. Desejava ser mecânico quando pequeno para expor figurinhas enormes de mulheres peladas, peludas, precárias. Pensar em dispor de um armário inteiro para minhas roupas barulhava a boca, os dentes disputavam pegadas.

Passei a infância com duas gavetas, um degrau da estante de livros e um abajur. Não conheci mala, passaporte e tirei a identidade aos 19 anos.

O meu irmão mais velho gostava de mistérios, de provocar mistérios. Uma noite me acordou com uma lanterna. Deviam ser umas 4h. O relógio ainda sentia cólicas. Botou aquele facho preguiçoso na cara e disse: “Vem,

temos uma missão”. Eu não penso ao acordar e fui. Pediu antes que pegasse todos os meus bonecos. “Todos,” advertiu.

Eu amontoei os *playmobil* no casaco, receoso. Tinha sido o presente mais caro que recebi. Não emprestava a ninguém, nem levava para a escola para evitar o “deixa ver” dos colegas e o “me devolve” dos meus medos.

Pulamos a janela. Ele havia deixado uma escada de sobreaviso. O irmão estava meio alterado, mal contendo a euforia.

Mostrou um livro dos incas e relatou que cresciam as unhas e os cabelos de pessoas enterradas, que voltavam mais fortes, sem estômago para envelhecer.

•

Bocejava a falta de café.

Pegou uma pá e foi abrindo um sulco imenso na horta, pouco se importando com as alfaces e as hortaliças. Fez uma sujeira sem tamanho, que a mãe incriminaria os gatos.

Ajudava de colher, por simpatia às causas estranhas. “Agora põe,” ele me orientou. “Põe o quê?,” perguntei, já temendo suas loucuras e de me enfiar naquela covinha como quem coloca uma pantufa.

— Os bonecos!

— Não, não.

— Eles vão ficar fortes, de unhas e cabelos compridos e vamos buscá-los daqui a exatamente três meses.

Sua força física me fez acreditar. Enrolei-os em um saco com farelos de pão e larguei na terra, fechada com esmero de um cofre.

Meu irmão desenhou um mapa para localizar os guerreiros.

Eu chorei devagar para não atrapalhar a chegada de meu sono.

Era verão, as aulas terminaram e voamos para a praia. Na volta, peguei o mapa com a letra emendada e daltônica e parti para a horta.

Desapareceu a horta e não culpava a neblina. O pai aproveitou a viagem para cumprir a reforma prometida há décadas e cimentou o terreno entre o

abacateiro e a ameixeira.

Passei a brincar com minha ausência, imaginando que um dia os cabelos e as unhas dos bonecos abririam o solo em um terremoto.

Observo os mínimos movimentos do pátio com atenção e expectativa. O pátio de minha infância ainda vai enfartar.

Espero meu amor com **muitos bolsos**

Vó tem sabedoria. E não é mãe para devolvermos as crises. Não é mãe para culparmos por isso ou aquilo.

O problema nunca foi minha mãe, é que ela sempre esteve mais próxima para ouvir os meus problemas e a relacionei diretamente com eles. Mãe, problema. Problema, mãe. São sinônimos, não? Para quem telefonamos na hora difícil? Óbvio, mãe! Telefone para meu pai quando resolvi a tragédia.

Minha mãe deveria ter sido minha avó, mas não teria sido tão bem criado.

Avó é nossa mãe depois da saudade.

Aos sessenta anos, Nona Elisa Margarida desejava saias com bolsos, camisas com bolsos, pijamas com bolsos (no interior, um dos hábitos mais prazerosos era chegar do trabalho, botar um pijama e pairar com uma cadeira na calçada para tomar chimarrão e entardecer miúdo, quase lua parando).

A avó decidiu que seu luxo era viver com bolsos. Assim como os fotógrafos e seus coletes acolchoados. Assim como os cobradores de ônibus e seus trocos contados. Assim como os donos das fruteiras e suas canetas falhando.

Bolsos a mancheias. Para levar o terço, o dinheirinho, o canivete e as chaves da casa. E bolsos vagando para colocar as mãos quando ficasse mais frio.

Nos seus bolsos, lembro que havia manchas de figos. E alguns prendedores esquecidos quando saía à toda para recolher as roupas com a chuva.

Ela ria à toa não porque era rica, mas porque seu mundo cabia exatamente consigo. Andava colada às suas necessidades. Colada à sua fé. Os bolsos dispensavam sacolas e malas: sua maleta já arrumada em si, no momento em que vestia a roupa.

Os bolsos formavam esconderijos, preparados ao pouso súbito dos grampos de cabelos, dos bilhetes de trem e dos desenhos dos netos. O que a interessava estava próximo de sua carne. Não se entristecia, mergulhava nos vãos de tecido para reencontrar sua pele macia e degustar sua velhice como quem aguarda a carta de um amor distante. Ela nunca dizia: vou morrer. Dizia que iria ver Deus um dia.

Avisava que a melhor coisa era esquecer algo no bolso para reencontrar mais tarde. Como se ganhasse de novo o que ela já tinha.

Quando me desanimo, eu uso bolsos. Calças e camisas com muitos bolsos. O bolso é antídoto da depressão. Sempre parece que há espaço sobrando, vida em aberto.

Eu já fui florzinha

Não tenho nenhum embaraço com o sexo. Mijo sem problema em banheiro público, não fico controlando os outros, não me envergonho de usar colares e exibir unhas pintadas, ponho perucas para imitar figuras, tenho grandes amigos que são *gays* e não me importo de ser indicado como um deles. Não desminto boatos, o preconceito surge da defesa mais do que do ataque.

Minha sexualidade não está à venda. Não vou me sujeitar a um discurso para ser aceito ou compreendido. Homem que é homem não funciona comigo. Homem que é homem não precisa fazer voz grossa, não se mostra ameaçado. Eu me facilito para a vida, me complico para a falta dela.

Por um motivo de franqueza, para finalmente fazer com que a minha vida seja um livro aberto, tenho que confessar que já fui florzinha.

Uma margarida, para ser mais exato.

Perdi qualquer medo do ridículo em uma única dose. Num único dia. Sou o voluntário perfeito para realizar qualquer protesto pelado.

Na escola, antes da abertura democrática, ainda no regime de João Figueiredo, as escolas desfilavam em peso no dia 7 de setembro. Eu ia para a escola jogar futebol na educação física e no recreio. O professor inventou de suspender os jogos para aprendermos a marchar. Com minhas botas ortopédicas, tive que decorar os nomes das ruas de meu bairro em caminhadas e caminhadas repetindo o ritmo “um, dois, um, dois”. A contagem nunca aumentava. Eu me tornei binário sem perceber. É incompreensível exercitar durante meses três combinações monótonas de passos. Mas a mobilização histórica da escola não permitia discordâncias.

A diretora decidiu transformar a primeira série num jardim. Num imenso e colorido canteiro. Ela pediu a palavra no início de uma das aulas: “Meninos e meninas, mostraremos à cidade que somos o jardim mais perfumado”. Todo mundo aplaudiu, inclusive eu. Pensei que fosse uma metáfora. Que nada.

Na hora do desfile, na concentração, no portão da escola, recebi uma fantasia de margarida. Marcha militar disfarçado de flor?

Meus colegas igualmente ganharam adereços e babados. A cabeça era para ser o pólen das pétalas. A cabeça amarela enfiada na cartolina (meu pijama de estrelas e de lua era mais sociável).

Vi guri de rosa, vi guri de camélia, vi guri onze-horas. Mergulhei em apoteótica rinite alérgica. Arrisquei fugir do alinhamento, logo a professora de educação moral e cívica me repreendeu: “Não é momento de ir ao banheiro”. Voltei engasgado, o terror subindo do meu estômago.

A escola me obrigou a marchar de margarida pelas ruas em que roubava frutas, assobiava e jogava bolinha de gude. Eu me enxergava como a boneca da minha irmã. Travestido.

Olhava unicamente para frente ou para baixo. E esperava que aquilo terminasse o mais rápido possível, mesmo com o aviso de que o passeio duraria uma hora a pé.

Pegajosa a determinação do professor, mesclando apito e gritos de afogado. “Acenem ao público!”

Além de margarida, restava-me ser uma margarida acenando. Fingi que era surdo. Ele se aproximou: “Fabrício, não está contente? Seja orgulhoso e mostre que é homem”.

Homem? Acenei, acenei, acenei, me despedindo da minha reputação.

Imaginava meu pai: “Fabrício, você é uma florzinha tão linda”. Imaginava a perigosa gangue da Rua Lavras: “Não toca nele, que ele desabrocha”. Imaginava a Priscila, a menina mais bonita, puxando meus cabelos: “Bem-me-quer, mal-me-quer”.

O que ninguém esperava é que na metade do caminho começou a chover. Pancadas surdas de água. As fantasias de papelão murcharam, a turma se dispersou procurando abrigo nas marquises, os pais vieram socorrer os indecisos.

E eu continuei marchando e acenando, até o centro. Não sou homem de voltar atrás, de recuar semente.



Emoções de Scott

Estava certo de que me tornaria adulto quando engordasse.

Passei esfumaçado durante a infância, até diria raquítico. A única barriga que fazia era de vermes. A barriga não era minha, era deles. Eu apenas emprestava.

Meu pai ficou gordo, após ter sido magro. Assim como meus tios. O casamento aumentou o apetite. Não puderam mais enganar a família e aceitaram a fatalidade da vida adulta. Não correspondia a uma opção, e sim a um destino masculino, que necessitava ser assumido com convicção desde cedo, ao lado de raspar a barba e matar as baratas.

Eu iria começar a envelhecer quando não conseguisse mais coçar as costas. Apresentaria uma cintura fofa, obscena de tantas camadas interpostas.

Os pais tentaram apressar meu amadurecimento. Vinham de manhãzinha em meu quarto com uma colher. O cheiro de peixe podre já avisava do pesadelo. Insistiam que eu dependia de um remédio para me fortalecer, pois não era normal alguém frágil, levado pelo vento sem mostrar defesa. Quando descobri o rótulo do remédio, identifiquei logo o peixe podre — devia estar longe do mar há décadas. Um homem o segurava nos ombros. O líquido viscoso e nojento impedia qualquer gole consciente. Aceitava tomar remédio na febre e delirando, mas considerava imoral recebê-lo em plena saúde.

Errava o nome do tonificante. De “Emulsão de Scott” chamava “Emoções de Scott”. Queria bater no “Scott” que se emocionou e obrigava os outros a chorar junto.

Fingia engolir, esperava que os pais saíssem do quarto e cuspiam na tigela do cão Argos. Não foi uma tática apropriada, preferível sorver de uma vez por todas do que bochechar a borra. Prendia a respiração para suportar a ansia e a repulsa. Se vomitasse, terminaria ainda mais magro.

O cachorro permaneceu excitado nos dias seguintes, antes de acordar duro e irreconhecível, bem acima do seu peso.

Meu medo aumentou. Troquei de alvo e joguei na roseira, que murchou em seguida, apesar das insanas regadas maternas. Depois larguei na privada, finalmente não mataria mais ninguém. Ao menos, perto de mim.

Cresci fora da garrafa, delirante. Observo minha barriga com simpatia. Não recrimino os quilos a mais. Estou engordando. Demorei a sair da adolescência.

Ferida de Iã

O destino das crianças é definido por acidente. Uma palavra com ênfase, um cumprimento efusivo, uma homenagem recebida na infância pode se tornar uma profissão. É só dizer para um menino que tem talento para o futebol que ele guardará essa promessa ao amarrar, todo o dia, os cordões do tênis. O interlocutor adulto nem precisa entender de futebol, o fato de se importar com ele o restitui de confiança.

De todos os meus tios, o que não esqueço é Otávio Caruso da Rocha. Tanto pelo cheiro típico de cachimbo e loção pós-barba como pelo vozeirão me chamando ao nos visitar: Ó Santo, Ó Santo.

Ele me chamava de santo, enquanto outros me reduziam a guri e piá.

“Dá a benção!”, insistia. E me pegava no colo e beijava meu nariz. Eu me enchia da importância de vidro. Lembro que não dormia de luz acesa quando ele vinha.

Era uma criança problemática, mas Otávio me tratava com um respeito de Antigo Testamento, como se não houvesse pálpebras nos separando os olhos. Enxergava vocação em meus resmungos de tinta. Pedia para que eu desenhasse anjos porque ele tinha perdido o seu. Logo colava com durex o desenho nas costas. “Agora tenho asas; se houver vento, já embarco.”

Eu vejo sua voz dentro de mim, isso que faz vinte anos que não o encontro desde sua morte.

Não queria que a gente saísse para falar assuntos sérios. Não proibia nossa entrada na sala. Mantinha o ritmo da casa do jeito que encontrou ao entrar.

Não conheci o político e o advogado, conheci o amigo leal da família, que tirou minha mãe de uma internação forçada no hospital. Não perguntei o que aconteceu com a mãe com medo que voltasse a acontecer. Criança se cala para não repetir o que não entende.

Otávio tinha um bigode raso, desenhado. (Quem desenhava para ele?) Mais parecia sobancelha da boca.

Usava gravata, o terno alinhado, apertava as chaves no bolso no meio da conversa. Sofreu muito na vida, perdeu um filho de quatro anos de câncer. Mas ainda não tinha perdido quando vinha. Deixou de vir depois que morreu por dentro para acompanhar a morte do filho.

•

Ao sentar no sofá, a primeira coisa que fazia era tirar os sapatos. A meia direita, invariavelmente, estava furada no dedão. Dos pares estranhos e de cores mais diversas, metade tinha um rasgo, uma ferida de lã. Não o via como uma meia intacta, sóbria, completa. Não que morasse sozinho e não soubesse costurar. A meia furada era ele. Sua compulsão caseira. Sua pobreza insana comendo os pés e repassando gentilezas. A meia furada lembrava que ele não estava imune. Não estava salvo.

“Por algum lugar, preciso respirar,” brincava.

Quando crescer, eu quero ser santo e costurar suas meias.



O menino que virou água

Não quero a perfeição, mas a plenitude.

Não deixarei cabelos para crescer com a morte.

Quando pequeno, jurava que o vento vinha de dentro da casa.

A gente tinha as venezianas do lado interno e o vidro do lado de fora. Abríamos as janelas para o vento sair como um cão que necessita mijar no parque.

A cerração enlouquecia a luz. A luz ficou cega de repente e andou durante muito tempo sem roupa pelas ruas.

Eu suguei muito escuro para ser visto. Escrever é mentir acompanhado.

Não se ganhava bicicleta ou roupa, se herdava dos irmãos mais velhos. Vestia o suor dos outros. Nada era novo. O guarda-roupa guardava mesmo a roupa. Usava roupas usadas.

Furava as calças e a camisa, a mãe de pronto bordava um remendo de couro no local. Vivia preparado para festa junina. Havia mais curativo do que botão.

O muro narra a história das frutas. Ele já foi enobrecido pelo limo. Depois perdeu os dentes de leite e ganhou cacos de vidro onde as crianças caminhavam. Em seguida, recebeu grades de ferro para espantar mau-olhado. Hoje ele tem dez parágrafos de cela. Minha liberdade é espiar quem não entra.

Reverenciava o poço de meu quintal. Respeito o que não entendo. Um menino tinha morrido ali. Não precisou cavar sua cova, entrou na primeira que apareceu. Engasgou a garganta do pátio. Uns têm alta, outros vão direto ao alto. Eu tomei muita sede do menino morto. O menino morto virou vida potável.

Minha irmã brincava de bonecas, eu brincava de menino morto.

Me chamaram de homem não no momento em que o rosto enrugou em barba. Ou quando me alistei para não servir. Aconteceu ao ser chamado no corredor do nome a pegar a galinha ruiva para a ceia. Tentei agarrá-la mas

ela voou até o telhado. A galinha se fez telha, preenchendo as goteiras. A galinha se transformou em balde sem alça. Um bule voador.

As calhas acumularam chuvas com a ninhada de ovos. Os canos estouraram. Daí surgiu a expressão pinto molhado. Tudo o que não enxergo é relâmpago.

Barbada

Não era buço, mas bigode. Bigode grisalho, grosso, maior do que a boca, maior do que a faca de casa. De mulher, a saia de arrastar, simples como pano de chão. Do homem, uma barba que confundia até o marido.

Não queria entrar no circo com medo de encontrá-la. Não queria aparecer no supermercado com medo de encontrá-la. Não queria visitar minha vida com medo de encontrá-la.

Não que seu rosto fosse ofensivo. Terno, suave, porém a barba superava suas sobancelhas de casaco de lã. Barba de inverno, suada dos pratos do almoço e da janta. Como uma fotomontagem, Mona Lisa com o bigode de Salvador Dalí. Ela não o tirava, não existiam fitas adesivas, salão, depilação, não existiam. Existia o sutiã peludo na boca e os boatos do interior.

Não me recorde da cor dos cabelos, dos cabelos da cor. Ela passava sempre acenando e ninguém a respondia.

Meu pai inventou a história da mulher com barba para me assustar e fazer com que eu comesse tudo na refeição. Quando meu pai viu a mulher de barba, ficou pálido como um toco de vela roubando promessas das demais velas.

A mulher de barba sentava na última fila da igreja e os meninos a incomodavam perguntando se era homem ou lobisomem.

A mulher de barba e seus tornozelos da tristeza. Não uma tristeza de morte, mas de vida contada com os trocos. Deus exagerou na cobrança. Manca dos dentes.

O bigode escondia a falta dos dentes. O bigode escondia sua ladeira de pedras quebradas, impossível de caminhar sem o rancor do tropeço.

Não sei seu nome, bastava dizer A Mulher de Barba e todos reconheceriam. Cuidava da roupa da vizinhança. Os tecidos estalavam de lisos. Perfumados, vaporosos. Camisas de três botões nas mangas não ostentavam vincos depois de suas mãos. Entregava as encomendas com

ramas de hortelã. Só que os clientes procuravam fios do bigode nas vestes para incriminá-la.

Seu marido se envergonhou cada vez mais. Torneiro mecânico. Não almoçava com os colegas na sombra. Não sugeria piadas com receio de ser a piada. Zombavam dele como homem que casou com homem. Um dia, ele largou tudo na fábrica, pegou sua lâmina e correu em direção à residência. Atravessou a praça salivando dos olhos aos pés. Armado de explodir os nervos, amarrou a mulher de barba na cama, encheu-a de espuma, banhando sucessivamente o ferro na bacia debaixo da cama, e raspou com pressa o bigode. Ela urrava como um boi sem pasto. Um boi sem a chuva do pasto.

A cidade parou o que fazia para escutar o urro. O urro voou, um corvo depois do tiro. A mulher de barba nunca mais saiu de seu quarto. Fala-se que ficou com uma cicatriz enorme. A cicatriz virou sua barba de pele. Inchaço do ódio. Ela a tocava, a acariciava de noite, como um segundo sexo. E descobriu o prazer sozinha nesse e nos outros mundos.

As patas do pátio

Todas as xícaras de minha avó, porcelana francesa, apresentavam a asa quebrada.

Eu ardia de frio ao entrar na casa amarela de esquina. Medo eufórico, de criança escovando um cavalo. Medo do coice, do imprevisível.

Não havia olho mágico. Pelo estilhaço da porta, identificavam-se as visitas. Não consertaram o vidro, que apressava a pupila até a rua. Os móveis antigos, descascados. O pó e a luz se embaralhavam a ponto de serem derivados do leite. Uma cidade submersa, enlutarada de insetos. De noite, ratos corriam no assoalho. De dia, os primos destruíam a rala nobreza do piano, do lustre e das mesas do século passado.

Meu avô paterno cumprimentava e era toda sua fala. Minha avó vivia deitada na cama. Na despensa, chocolate bis e aspirina, casal que completava bodas de ouro.

As primas cresciam as pernas e os seios de repente no sofá verde. Desabotoavam as sandálias e ficavam com as pernas cruzadas, trocando de posição com lentidão. No chão, espiava o papel-jornal das suas coxas, o escuro das fotos. Passavam a língua nos lábios para provar o suor, e o gesto involuntário me excitava. Qualquer gesto involuntário excita. Banho frio me esperava no fim da tarde, o chuveiro não funcionava.

Os familiares usavam talco e eu não compreendia por que as crianças tinham que ter cheiro de velhos. O cheiro doce de velhos. O talco me irritava, pela asma. A vó doente dizia: “Sabonete não é suficiente, guri”. E enchia meu pescoço com o tapete branco. Faltava ar para revidar.

A casa amarela tinha cílios nas janelas: dez gaiolas balançavam. Era impraticável conversar na sala. Os pássaros ligavam alto o volume de suas plumas. O alarido alpestava. As aves disputavam o vento que sobrava, pulavam freneticamente nos trapézios, enfurecidas, ariscas. Éramos hóspedes daqueles pássaros, não o contrário. Eles ameaçavam, cobravam espaço, mandavam-nos ir embora.

O pátio suspirava. O pátio e suas patas presas no abacateiro. Comia bolachas com sal em latas de alumínio. Comia sem ouvidos. As bolachas nasciam pisadas. Farelos entravam nas unhas. Meu vô era bonito e não precisava falar. Minha vó era feia e não parava de falar.

•

Aquela residência carecia de horários, almoçava às 4 horas da tarde, jantava meia-noite e dormia quando as pessoas desapareciam.

Tudo era proibido. Tudo era permitido depois de ser proibido. As escadas levavam a um quarto fechado. Contavam a história de que ali vivia uma tia solteira, que foi abandonada no altar. O vexame a enlouquecera. Não mais tirou o vestido de noiva. Permanecia sem roupa de baixo, os pelos à mostra no tecido transparente, com a grinalda na cabeça e um olhar satânico, esperando que alguém se aproximasse da porta. Qualquer um, para se livrar do par intocado de alianças. Quem entrasse naquela escuridão não voltaria inteiro. Nem pela metade. Imaginei tanto seu rosto que sou capaz de reconhecê-la. Ela frequentou minhas primeiras ereções.

Os pássaros morreram em um único dia, sincronizados. Dizem que foi veneno de rato, mas os ratos continuavam marchando no assoalho. Veneno de rato mata só passarinho? Ou o passarinho dentro do rato? Será que os ratos voam?

Na casa amarela, não se duvidava de nada. Havia muito escuro para treinar asas. Os pássaros morreram em um único minuto, e o barulho ensurdecedor permaneceu o mesmo sem eles. Havia muito eco para voltar. O vazio ardia. O odor de palha e papel molhado aumentou na escassez. Os pássaros não têm ossos para virar fantasmas.

O vô não abaixou as gaiolas, definitivas como um terno no cabide, como um chapéu na mesa, como uma bíblia em sua gaveta esquerda, como um revólver em sua gaveta direita, como o chocolate bis e a aspirina na despensa. As gaiolas foram os ossos da casa amarela da esquina.

Todas as xícaras de minha avó, porcelana francesa, apresentavam a asa quebrada. Dava uma pena ver as peças trincadas. Perguntei para a vó quem fez aquele estrago, afoito para condenar um parente e conquistar a intimidade da tristeza. A vó riu sozinha: “Fui eu!”. Pegou uma chave pequeníssima, presa em seu colar, e abriu a gaveta a mostrar uma pilha de asas de xícaras. “Assim as xícaras nunca serão roubadas.”

Contagem

Eu me iniciei na matemática com palitos de fósforo. A professora começou com feijão. Mas como era escola pública e a fome grande dos alunos, teve que dispensar a primeira alternativa e se contentar em não chamar atenção do estômago, da barriga roncando e da merenda. Até porque os grãos desapareciam rapidamente de cima das classes.

Aparecemos com caixinhas de fósforos para dispensar o uso dos dedos.

Na primeira contagem, eu estava com doze palitos, ela retirou quatro. Perguntou-me com quantos fiquei:

— Dezesseis! — respondi eufórico.

Ela me observou desapontada.

— Não, são oito.

Já com a voz recuando, retruquei.

— Não, são oito palitos e oito chamas.

E risquei os palitos. Foi um fogaréu na minha mesa.

Ela me policiou para não acender mais dentro da aula, era perigoso e pediu que refizesse as contas com os palitos apagados.

Mantive a minha opinião:

— Dezesseis!

— Mas agora não tem mais chama, Fabrício!

— Tem a lembrança do fogo. São oito palitos e oito fogos apagados.

Por insubordinação, fui para a sala do SOE (Serviço de Orientação Educacional). Fiquei a manhã inteira de castigo, lamentando a faísca atrasada da professora.

Antes de mim

Dependia só de mim para ir à escola. Caminhar quatro quadras, entrar na maré humana na parada de ônibus e ficar quietinho na sala de aula até a professora apanhar o giz. Rito certo e infalível.

Não incomodava para não ser incomodado. Falava nada para minha falta de assunto não transbordar. Tentava não chamar a atenção das meninas para não ser percebido, dos meninos para não ser zombado. Tinha as condições ideais de temperatura de uma cerveja no verão. Não podia ser apanhado pelo casco, mas pela garganta, senão congelava.

Fui assim nos dois primeiros anos da escola. No início da terceira série, minha mãe me chamou ao canto e disse que precisava mudar, que agora eu cuidaria do meu irmão caçula.

Miguel entraria na primeira série e era de minha responsabilidade. Jurei de tremer de jurar. Não conseguia me controlar, como mostrar ao meu irmão segurança? Fugia do convívio, como transmitir envolvimento com os colegas?

Peguei-o pelos braços e caminhamos juntos o trajeto de minha solidão. Antes conferi sua merendeira e expliquei como abria sua térmica e a duração do recreio. Lembro que avisei: o recreio dura metade da metade de um tempo de futebol. Ele fez sim, com a cabeça, compassivo.

Mudos, cumprimos o mapa em linha reta. Miguel era solto, decidido, com os cabelos encaracolados e um dente da frente a menos que surgia a mais em seu sorriso.

Na manhã nublada, não prestei atenção na aula, ansioso por movimentos e aparições na sala do outro bloco. Fiquei em uma classe que me permitia enxergar vultos nas demais janelas. Contraía o olho esquerdo para empurrar o direito mais longe. Meu batimento doía, como uma prova onde sequer intuía como começar o assunto. Não era prova, mas o dia da primeira responsabilidade. Nunca cuidei de ninguém, de repente lá estava imbuído de deveres, ungido pai de ocasião.

Paternidade que não conhecia direito desde que minha mãe havia se separado há dois anos. Paternidade inventada a partir de livros e gibis, em que fazia cartões com palavras roubadas de revistas. Paternidade que descobri depois quando deixei de condenar meu pai por aquilo que não compreendia.

•

No recreio, fui catar Miguel e o percebi extremamente articulado com amigos, brincando de corrida e alheio à preocupação. Enrugou a boca em um rápido “oi” e apressou o passo para não atrasar o ritmo da brincadeira. Em um dia, Miguel conseguira amizades que eu não fizera em três anos. Isso não me deu alívio, confirmou a suspeita do meu despreparo para a função de olheiro. Despreparado para recolher as palavras de volta.

Senti inveja de sua facilidade inata, inveja por não tê-lo ensinado absolutamente nada. Eu tinha pena de mim, porém a pena de mim era o único sentimento que me consolava. Mordi muito o lápis nos últimos períodos. Se lápis fosse faca, não teria boca para assobiar.

Todo sinal era uma explosão. Não importava se a professora estava falando um tema importante, logo a interrompiam. O ranger das cadeiras era biológico, pontual. Quando o sino transformou a porta em janela de incêndio, corri na frente para aguardar meu irmão na praça, local em que combinamos o encontro.

Em dias anteriores, saía em disparada para não ser acompanhado por perguntas de onde moro, o que faço de tarde e quem são meus pais. Naquele meio-dia, permaneci observando as turmas deixarem ruidosas o pavilhão da escola. A vida dos outros parecia mais feliz do que a minha. Mais alta, mais pátio para correr, mais interessante. Reparava inclusive os movimentos bruscos dos pássaros, o deslizar monótono da cor.

O que não vivia era mais meu. Quinze minutos depois, a angústia concentrou a respiração. O pensamento tornou-se repetitivo e letal. Nada de meu irmão aparecer.

Desci novamente a escola e vistoriei sua sala, o refeitório, o campo de futebol e novamente nada. Vazio como um lago recuado pelo Sol. Trinta minutos depois, desesperado, passei a rezar.

Rezar de pé não adiantou. Pensei que seria ouvido se me ajoelhasse. Não podia voltar para casa sem meu irmão. Encolhido no meio-fio, rezei, rezei, rezei e de repente já estava chorando no meio da reza e vestia o Pai-nosso de Ave-maria. Pensei que não seria ouvido chorando.

Alguém se apoiou nos meus ombros. Era a mãe. Gritei que havia extraviado o Miguel. Ela reagiu com calma, como a não entender a gravidade do som.

— Ele está em casa. Estamos preocupados é contigo.

Eu havia me perdido, não o Miguel. No dia seguinte, lembro de escutar, atrás da porta, a mãe pedindo ao meu irmão menor que me cuidasse.



Leituras frias

Não queria incomodar. Pegava meus livros, andava com os dedos dos pés sem fazer barulho.

Sempre que não quero fazer barulho, faço. Acontece um estalo inesperado nas pernas. Os cotovelos produzem uma comoção de fogueira. A cintura tranca. Ou sou mesmo atrapalhado ou os ouvidos ficam mais concentrados.

Sentava diante da geladeira branca. Redonda com nome de inspetor de saúde: Steigleder. O verão andava alucinante. Produzia comichões antes dos mosquitos, que odiavam a concorrência. O velho ventilador lembrava azeite, de tão demorado. Lembrava escadaria de igreja, de tão longe. Muito quente. Bafo de cão no ouvido. Meu cão tinha hálito de cachaceiro — botava a língua para fora e seu estômago vinha junto espiar. Tentei escovar seus dentes e engoliu a escova, deduzi que não precisaria mais lavar sua boca por toda a vida.

A geladeira branca: um copo de leite. A geladeira continha uma lanterna e ainda refrigerava o vento. A geladeira funcionava de ar-condicionado e luminária ao mesmo tempo. Sentava no chão da cozinha a folhear durante a madrugada. Nunca fui pego.

Quando alguém se aproximava para tomar água, eu me escondia debaixo da mesa. Via os familiares como sonâmbulos, não abriam os olhos, apenas o suficiente para não derrubar seu corpo do último sonho. Meu irmão falava aramaico. Minha irmã cantava Rolling Stones.

Minha casa cheirava a comida requentada. A reputação do lar estava na geladeira. Quando tinha alguma coisa podre na geladeira, não podia ler. Catava um por um dos produtos para descobrir quem era o fedorento. Na maioria das vezes, culpava o queijo.

Eu lia com o olfato. Perguntava para a mãe o que faria de comida no outro dia, pouco interessado em comer, mas para proteger a saúde das

leituras noturnas. A mãe se espantava com minha curiosidade gastronômica e não compreendia como deixava tanta comida no prato.

Odiava comer, perda de tempo, assim como dormir. Sono engorda. Brincava de trator no prato.

O segredo consistia em deixar a comida na beirada e despovoar o centro, que dava a sensação da obrigação cumprida. Aproveitava a distração dos familiares com a conversa e dragava o arroz aos seus pratos, além de apoiar os cotovelos na mesa, com lassidão contrariada. Saía da cadeira, vitorioso, por desistência dos concorrentes. Nunca limpei um prato na infância — e a faca só servia para amontoar minha esperança.

Quando a mãe fazia feijão, eu a ajudava com o alguidar. Ambos na mesa grande, a ciência da escolha. O andamento de uma missa, tal a gravidade das palavras e a rigidez dos gestos. Ela me explicava: “Os que estão com cicatrizes e feios não são para derramar na bacia”.

Dava um dó dos grãos bichados, feridos. Colocava os imprestáveis em meu bolso, preocupado em não ser visto. Depois plantava na horta para mostrar que eles poderiam render, ao menos, mato.

Um dia esqueci um dos livros dentro da geladeira. O pai botou os filhos de castigo até descobrir quem fez a molecagem, que murchou a obra completa de Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias morreu de hipotermia, congelado como uma múmia. Não abri o bico, festivo com o castigo coletivo. Sofrer com os irmãos era melhor do que sofrer isolado. Tem gente que só peca acompanhado. Eu sou assim. Dividir o pecado é dividir a pena e ficar com toda a alegria sozinho.

Depois fui saber que a comida estragava com rapidez, que a conta de luz subia vertiginosamente, que meu pai reclamou à companhia elétrica dos abusos e falhas na medição, que durante meses foi o assunto predileto das brigas do casal, que a mãe culpava o pai, que o pai culpava a mãe, que os dois se separaram na época, que houve pratos e discos de Chico Buarque quebrados. Eu e a geladeira crescemos sadios. Com a neutralidade das verduras na última gaveta.

O precipício do pecado

Tenho desvio de septo. Operei as adenoides em hospital inclinado de morro. Foi esquisito e lúbrico ficar com um camisolão aos sete anos, com a bunda de fora. Os pais não entraram comigo na sala de cirurgia. Calcei pantufas enormes. Lembrava uma criança brincando com as roupas do pai, zanzando com as gravatas nos joelhos e esquiando com os sapatos paternos pelo corredor.

Não me recordo de detalhes, vi o refletor aceso e a anestesia adoçando o sangue até eu adormecer. Acredito que os médicos quebraram meu nariz na operação. Antes não era tão torto ou talvez tenha crescido espontaneamente, apesar de não entender como ele cresceu mais do que a feição.

Minha vida prefere suspeitas do que curiosidades. Adorava palavrão. Palavrão não tem sermão. Entre o palavrão e a homenagem, escolho o primeiro, que não tem discurso.

Todos os meus complexos residem no fato de que fui obrigado pela fonoaudióloga a usar bico. Precisava expandir o céu da boca estreito e a arcada dentária minúscula. Tive boca de anão em um rosto de jogador de basquete. Dez anos e usava bico, a recuperar o tempo perdido e a ausência de mamadeiras e chupetas na infância.

Mamava o ar enquanto os colegas ostentavam aparelhos nos dentes. Como poderia ser normal usando bico? Ciúme das instalações elétricas na boca. Meu bico, inosso bico, me emprestava deficiências. Ioiô dos lábios. Virei a boneca predileta da professora: falava e fazia xixi.

Mas gostava mesmo do colo de minha tia gorda. Vestido estampado, quadriculado, xadrez. Um sofá. Eu me esparramava no colo dela e assistia tevê. Minha tia era mais fofa do que colchão d'água, apresentava braços longos de poltrona, fazia barulhos divertidos com o estômago e eu não corria o risco de cair. Uma amiga da tia, a vizinha Isolda, gritava, urrava de noite, arfava “Ah Ah Ah Meus Deus”.

Perguntava ao pai se ele iria tomar alguma providência e parar com aquela briga. O pai argumentava com a cabeça: “Não é nada”. O irmão mais velho debochou que ela gozava. Pensei que gozar significasse rir. Não entendia a indiferença das diferenças. Não é que uma manhã ela foi encontrada morta depois de ser abandonada pelo marido? Olhei bem severo ao meu pai e não o perdoei: “Eu te avisei!”.

Minha mãe não rezava missa para morto. Rezava missa para vivo, defendia que o vivo ainda tinha salvação. Ela se antecipava de rezas. “Morto tá resolvido, os vivos que podem cair no precipício do pecado.” Durante noites, sonhei que caía no precipício do pecado. Minha vertigem surgiu dessa expressão. Peco com medo de altura. Os joelhos de minha prima iniciavam o precipício do pecado. A mãe nunca me contou, deve ter rezado umas quantas missas em meu nome. Fui coroinha involuntário.

Um dia, não achava o cadarço para jogar futebol. Amarrei o tênis com o terço. Fiz três gols e quebrei a perna. A alegria custa caro. Ao me defender dos zagueiros, o terço perdeu três dentes na briga: desfalcado de duas pedras da Ave-maria e uma pedra do Pai-nosso. Felizmente, as orações foram abreviadas em casa.

Meus amigos deixaram suas assinaturas no gesso e esqueceram o bico. Quando melhorei da perna, sumiu a atenção dos amigos. Minha vocação é ser uma parede pichada.

Um dos meus horrores foi descobrir que a barata sobreviveria à bomba atômica. Não entrava na minha cabeça que um bichinho esmagado por uma sola de chinelo aguentaria a radiação. A barata tem um jeito de tevê portátil, com antenas maiores do que as patas. O homem é uma barata entre Deus e os anjos. Não desaparece e, de vez em quando, arruma asas.

Barata voadora é como santo levitando. Os santos se isolam para ficar a sós com os demônios — não deixa de ser um encontro amoroso.

Tremo ao ouvir histórias de quem saiu de seu corpo. Se eu pudesse sair de meu corpo um pouquinho, não voltava. Não desperdiçaria essa chance.

O corpo é uma penitenciária de alto risco, cercada do alto-mar da respiração.

Tentei me hipnotizar e o relógio parou. Também não dá para se hipnotizar com relógio de corda!

Os pais avisavam que me parecia com o avô. Cheguei ao avô e pedi com urgência que escrevesse sua vida para me poupar trabalho. Não encaminhou nenhuma receita e se ofendeu com a proposta e comparação.

Na verdade, eu me considero mais rascunho do meu filho do que o original de meu avô.

Estou atrasado de traços.

Meu pai sorria quando diziam que ele estava bem conservado. Falar que alguém está conservado é elogiar sua velhice, não sua juventude.

Que diga que estou acabado, daí é elogiar a juventude.

Lapso paterno

Como posso contar sem ofender?

Meu pai começou esquecendo os óculos. Na maior parte das vezes, em cima da cabeça.

Ele nem procurava direito e já gritava pedindo ajuda:

— Alguém viu meus óculos?

Todos deveriam largar sua função em casa, seja televisão, seja estudo, seja conversa ao telefone e sair na expedição de suas lentes.

Meu pai não se contentou em esquecer os óculos. Passou a esquecer as canetas abertas em seus bolsos da camisa. O que era fácil de achar, mas causava uma borra incalculável. Ele ainda tentava atenuar com o pano molhado e aumentava mais a mancha. As canetas eram de tinta azul, bem pegajosa. Seu guarda-roupa vivia baleado no coração.

Meu pai não se contentou em esquecer as canetas. Decidiu esquecer as chaves de casa. Sempre na hora de entrar. Não foi uma vez que o vi na frente do portão, indigente, esperando um dos filhos regressar da escola. Sentava no degrau de entrada com seus livros. Semana sim, semana não, um senhor trocava a fechadura para nos prevenir da perda.

Meu pai não se contentou em esquecer as chaves. Mas os compromissos. Não é que esquecia, chegava um dia antes ou depois, com o olhar maravilhado do engano, de quem escapara de uma reunião chata e não precisava arrumar uma justificativa, além do natural lapso.

Meu pai tinha a mania de levar a comida que sobrava do restaurante. Mentia que tinha um cão em casa. O cão de casa era ele. Tudo bem se ele não esquecesse a marmitta no porta-malas. Não preciso comentar o cheiro que emanava de seu veículo. A disputada carona para a escola deixou de ser solicitada.

Meu pai foi iniciando esquecimentos cada vez maiores. Uma tardezinha voltou para casa de ônibus. Esquecera que havia ido de carro.

Noutro dia, procurou o carro onde estacionou e nada. Devassou a quadra e nenhum sinal de sua Belina amarela. Foi para a delegacia registrar o furto. Estava nervoso, atropelando as palavras. “Roubaram meu carro! Roubaram meu carro!” Tempo em que o seguro era um requinte, não uma necessidade. Lamentou a perda a cada jantar, com renovadas juras de desânimo.

Duas semanas depois, ao caminhar pelo centro, meu pai avista sua Belina numa rua paralela. Concluiu — um tanto envergonhado — que estacionou ali e confundiu de lugar. Em seguida, a Polícia o prende como suspeito do furto de seu próprio carro, ao parar em mão dupla na rodoviária para buscar jornais.

De noite, eu o encarei longamente.

Ele me explicou:

— São os poemas, meu filho, são os poemas que me fazem esquecer de tudo. Ou esqueço os poemas ou esqueço o mundo.

Olhei apavorado, carente, com a conclusão que viria de sua boca.

— Mas não te preocupa, filho, não vou te esquecer. Não sou tão bom escritor assim!

Sesta e galinha recheada

Natal e Ano-Novo são datas em que tudo irrita. Se o telefone não toca, se o telefone toca. Ser lembrado é ser esquecido. Ser esquecido é ser lembrado.

Odiava também a sesta. Sesta obrigatória depois do almoço. Quem inventou esse hábito? A mãe fechava a porta do quarto às 13h30. Eu e os manos socados no escuro de repente com um sol farfalhando lá fora. Um contrassenso. Quietos por dez minutos a controlar a desapareição dos passos maternos.

Com a distância assegurada, começava a guerra de travesseiros e concursos de adivinhação. Os amuletos de cada um se completavam: portava um rádio de pilha, Miguel uma lanterna e o Rodrigo a bola, instrumentos necessários para enganar o escuro do castigo.

Fugíamos várias vezes pela janela em planejamento treinado, colocando cobertas amontoadas em nossos lugares. Chegamos ao despudor de recorrer a um gravador para imitar alguns roncos durante nossa ausência.

Jogávamos futebol no campinho e voltávamos todos fedidos para debaixo dos lençóis, agradecendo à mãe pelas horas de sono. Ela nunca entendeu como seus guris suavam tanto ao dormir. Colocou um ventilador e não mudou muito a situação.

As camas exibiam barro no lado dos pés. A sesta foi a responsável por gerar dupla personalidade.

Dormir na infância era perder tempo. É estranho pensar que atualmente só quero dormir. Dormir hoje é ganhar tempo. O que não dormi na infância pretendo dormir na vida adulta. Saudades do que não aconteceu.

Retrato dos animais da casa

Meu avô não queria matar os bichos de casa. De modo nenhum. Não era vegetariano. Só admitia comer os animais dos outros. “Onde já se viu comer bicho que já escutou minha voz? Vou comer minha voz dentro do bicho”, ele afirmava.

Tanta vida por viver desentranhada. A vó imaginava que o marido havia passado da idade de ter razão para entrar na idade de ter desejos. Queria cozinhar e não havia rendimentos para pechinchar no açougue a cada manhã. Os vizinhos o viam como doente: soltou-se do prumo, do juízo, do cabresto de Deus.

Criança não apresenta opinião formada, mas braços arrepiados. Meu avô, personagem de si mesmo, nunca me deu tempo para criar amigos imaginários.

Fui convidado a ajudá-lo no sistema de proteção. Sacudia levemente a cadeira de balanço na varanda, com a bengala engatilhada, e eu no primeiro degrau da escada de madeira, com a funda em punho. Boi, vaca, porco e galinha ganharam escolta dali por diante. Os primeiros animais do bairro engordados para envelhecer. Boi, vaca, porco e galinha não diziam muita coisa. O vó teve sua primeira ideia de seguro de vida dos animais. “O que recebe nome não pode ser morto, tornando-se crime.”

Começou a dar nome para todos os bichos. Virou um Messias septuagenário a batizar um por um os animais que encontrava em sua pequena chácara. A galinha ruiva virou “Marlene”, o cavalo baio assumiu a condição de “Misturado”, o porco dengoso apareceu como “Rolando”, a vaca manca ressurgiu na forma de “Medeia”. As árvores foram nomeadas por engano. Os cachorros, os únicos que realmente recebiam apelido, se sentiram constrangidos com a concorrência e deixaram de latir.

Como esquecia os nomes que havia dado depois de uma semana ou trocava o boi pela galinha, o avô preparou um caderninho de fiado para anotar, com as características e os sinais de nascença dos animais.

A avó estava horrorizada com a obsessão do seu velho. Internar não se podia, internar um velhinho no interior significava, no máximo, colocá-lo no quartinho. Tudo se resolvia sem escândalo, com a indiferença. O ruim é que a indiferença se assemelhava à tolerância, e o vô tomou coragem para urinar cada vez mais sorrindo na horta.

•

Quando a galinha ruiva virou galinha recheada no Domingo de Ramos, o avô iniciou um longo jejum. Magro como copo de cerveja parado. Comia vento e rejeitava inclusive os farelos do vento. Alegria das moscas.

No fatídico dia, percebeu a galinha esparramada e dourada e suspirou: “Marlene, Marlene, perdoa, eles não sabem o que fazem!”. Tampouco comi a Marlene, sofria de impotência infantil.

A Marlene merecia um perfume melhor do que o orégano. O avô ficou revoltado, *viraluto*. Uma de suas teorias era o embrulho do pão: papel-jornal estraga o gosto, o pão devia ser enrolado em papel fino, seda. Ele sofria coisas fora de hora. Sofrer é sentir as coisas sem pensar. “Onde já se viu comer bicho com nome? Vou comer meu nome dentro do bicho,” afirmava.

Aprendia o segredo. Não entendia as palavras por inteiro, entendia o final delas. As brigas me animavam. Amor que não se dói é dano.

Em nossa volta, a luz queimava como um seio fora da blusa. Dar nome a um animal não o impediu de morrer, assim como homem de muitos nomes vai embora sem dó. Vô não desistiria da tosse. Seu silêncio não baixava a cabeça. Na surdina, traficava metade de meu prato a ele, e a cidade se espantava que continuava de pé depois de quarenta dias sem comer.

Havia gente fazendo aposta no bar do Português. “A morte existe para ser respeitada entre os vivos. A morte nada é para os mortos”, avisou. O vô teve, então, sua segunda ideia de seguro de vida dos animais. Conseguiu uma máquina de fotografar, emprestada do filho da capital, e foi ao campo. “Animal com nome e com fotografia não pode ser morto, tornando-se crime,” sentenciou.

Deus ou é assunto ou é alucinação. O banhado transformou-se em estúdio. Minha missão consistia em ajeitar o rosto dos animais para foto. A vaca baixava a baba para o capim, obrigando-me a levantar seu queixo várias vezes. O cavalo cuspiu feno, avarento, e eu o cerceava para possibilitar um ângulo apropriado. Salpiquei a galinha, a outra, a Lurdes, de maquiagem de pó, a dissimular sua brancura. Depois de um mês, e aproveitando a saída da mulher para a feira de verduras, o avô colou a coleção de fotos na parede da sala. Vinte e dois animais 3x4. Foto de passaporte, de identidade, de carteira de trabalho. Foto séria, para não mostrar o prejuízo dos dentes.

Ajeitou-se na mesa, enrolou um cigarro de palha e morreu fumando, com os olhos boiando em sua Arca de Noé. Sua boca cintilava sozinha.

O sexo das sombras

O fogão a lenha reunia a família na casa da nona. Nosso jogo de cartas à noite. Todos ao redor da mesa para beliscar brasas. O queijo derretido inundava o fogo. Os irmãos competiam e buscavam garfar pedaços maiores. Depois, no quarto, adivinhávamos as sombras que passavam pelas frestas, já que a calçada ficava colada às janelas. Elas corriam pelo vidro, deslizavam magras e altas nas paredes e reboavam ovais no teto. Era preciso dizer se a sombra vinha de um homem ou de uma mulher. Naquela época, a sombra tinha sexo. Usava chapéu ou bolsa.



Prendedores

Eu admirava a chuva. Não admiro o Sol, gosto do Sol. Admiração só pela chuva.

Toda janela chuvosa é uma rodoviária. Como se fosse necessário acenar para os pássaros. Como se soubesse os pássaros pelo nome.

A chuva torna minha rua uma cama de palha, chapéu sentado na mesa, fruteira encolhida.

Com reverência, observava a obsessão das calhas abrindo as pedras, furando as pedras com a lâmina da queda. O lápis do relâmpago escrevia nas telhas mensagens psicografadas do musgo, do orvalho, dos líquens. Tremia o som.

Um dia depois da torrente, recolhia no pátio os prendedores de madeira do varal. Sugava a água da madeira de cada prendedor, a água da chuva na madeira. Água com barro, como rio que se engole na hora de mergulhar. Água de poço mais do que de balde. Água avoadada, cicatrizada. Água de horta, de folha escorrendo como luz. Água de respirar.

Não carecia de pudor de provar o escuro, invocar o inferno, adoecer com um paninho molhado na testa.

E minha mãe ficava assustada pelo meu modo de pegar o pátio pela boca, de mexer na terra a toda hora. Se comia de menos no almoço, ela dizia que eram vermes. Se eu comia demais no almoço, ela dizia que eram vermes. Até hoje, já adulto, me recomenda tomar um remédio para vermes.

Escrevo demais e deve ser resultado de vermes. Amo demais e deve ser resultado de vermes. Esqueço demais e deve ser obra dos vermes.

Não tive jardim, mas terreno baldio. O terreno baldio, na verdade, é um jardim. Um jardim alegre, com árvores nascidas aos socos da semente, a partir de caroços jogados como lixo. O abandono também jardina.

Nove anos

No refeitório, os colegas batiam os pratos azuis na mesa, chamando a comida para a briga. Lembro os pratos marchando em fila e os garfos fazendo continência.

O lanche do recreio era a refeição mais importante do dia de muitas crianças. Ninguém estranhava comer sopa de feijão ou massa com legumes às 9h30. Os guris gritavam, devoravam rápido sem distanciar por um minuto sequer a comida dos lábios. A caneca do suco ou do leite vivia esburacada de beijos. Eu nem sentia o sabor do líquido, mas unicamente do plástico. Plástico queimado.

Aquela manhã reunia 200 crianças de uniforme. Eu terminei sendo o mais lento. Fiquei por último, sem encontrar finalidade para a gororoba do sagu. Eu tossia quando ficava nervoso. Não tinha fome, muito menos sede. Sempre fui um camelo com medo de parar. Isolado em meu canto, com o único objetivo de não ser reparado.

É estranho, quando tentava me esconder, terminava sendo extremamente visto. Pressentindo meu pavor, uma turma mais velha se aproximou de mim e começou a provocar, favorecida pela ausência dos professores. Me chamava de “guriazinha”. Se eu respondesse, iria apanhar. Se não respondesse, apanharia igual.

Retruquei, mal mostrando os dentes, com a língua presa, falando para dentro que guriazinha era a calcinha que eles usavam. Pensei que havia apenas pensado. Mas fui puxado com violência, rasgaram minha camisa como se fosse pano de prato. O maior, um pivete que passou a maior parte de sua infância e adolescência na 5ª série, tirou um canivete do bolso e se aproximou de minha garganta.

Eu já tremia mais do que o suportável na minha idade. Estávamos no segundo andar da escola pública. Ele abriu a janela e me segurou pelas pernas. Fiquei de cabeça virada, prestes a cair, girando como um ioiô. Percebi o kichute resistindo por um fio, amarrado nas canelas. Alguém

gritou no corredor, eles se assustaram. Daí, tonto, enjoado, encontrei um sentido para o sagu. E fui metendo a boca para cima deles.

Minha primeira namorada

Ela não me abraça, está com a ternura tão à vontade que não depende de um gesto de aproximação.

Não a beijo, mas não poderia existir maior intimidade do que segurar sua mão.

Sua mão: pálpebra de minha mão. Lembro que suas saias eram lençóis que acordaram. O conjunto retirado do enxoval pela sua mãe. Recortado como se não tivesse sido outra coisa.

Ela é a porta daquela casa, daquela tardezinha, daquela Guaporé preto e branco. Tenho cinco anos, ainda não entrei na escola, ainda não sofria a obrigação de me traduzir. Faço um sinal com a boca. Meu pai pede para sorrir, minha boca miúda escapa do controle do rosto e olha para a menina.

Sou seu guardião, apesar dela ser mais alta. Mesmo de pé, minhas pernas estão sentadas. A bota ortopédica me levanta alguns centímetros. Exibo uma espada de madeira, que servia para protegê-la dos bichos do quintal (galos, cachorros e animais invisíveis).

O amor não significava uma ameaça. Não tinha que acontecer, acontecia. Era amizade, a confiança de crescer e não se mostrar crescido. Não nos cumprimentávamos, chegávamos.

Não havia necessidade de esconder nada, havia pouco espaço em mim; deveria sonhar mais do que vivia e me lembrar dos sonhos logo que despertava.

Veja o vão direito da entrada. Um braço está pendurado, o corpo todo escondido. Um braço de folhagem guardando-se do humano. Não sei quem é. Talvez seja um irmão ou irmã dela. Talvez seja ela adulta espiando o que já foi. Ou querendo me avisar que nunca estaremos completos na fotografia.

Mendigos de família

No crepúsculo de minha infância, não contava com campainha. Batiam-se palmas no portão para chamar os residentes. Qualquer casa merecia aplausos.

Portões baixos, pulos das turmas em busca da torneira do canto para encher bexiguinhas e matar a sede do futebol.

No crepúsculo de minha infância, não conhecia o medo dos mendigos. Eu morava praticamente na rua, entre um pátio e outro. A mãe ficava na varanda gritando, porque a comida estava servida. A voz era uma corda que nos trazia de volta. As crianças afiveladas pelo grito materno: “É noite, é noite”.

A noite não começava com o escuro, o cansaço da luz e as estrelas chamuscando, iniciava com a decisão materna. Tomar banho significava dormir. O suor ficava lá atrás, na bola de couro, no pião e no carrinho de madeira.

Naquele tempo, os mendigos eram pontuais como o entregador de jornal. Conhecidos como os carteiros. Assim como tinha o médico de família, havia o mendigo de família.

Não vinham uma vez e sumiam. Vinham sempre, com sua clientela fixa. Não atendíamos com raiva e pressa. Muito menos desamorávamos sua aparição. Mendigo não incomodava, acredito que alimentávamos uma admiração secreta pelo seu despojamento viajante. Nunca foram confundidos com ladrões e observadores indiscretos dos pertences de dentro.

Um deles era um velhinho, que usava chapéu de feltro e mascava um talo de capim. Guardava o nome do padre da paróquia, Alfredo, coincidência que apressou a simpatia da família. Pedia pão velho. Acho que terminava desapontado: não ganhava pão velho, mas ainda quentinho. Comia o pãozinho entre as mãos como uma gaita, com a manteiga dividindo os lábios. Falava pouco, pouquíssimo, um cumprimento ao entrar,

um segundo ao sair. O mistério o engrandecia. Seu rosto não tirou cópia de chave.

A mãe o deixava entrar na antessala, não aceitava que ficasse no sereno. Podia pegar resfriado. O velhinho chegava às 19h30. Segunda, quarta e sexta-feira. Esquisito que já o aguardávamos nas janelas. Como uma banda. O toc-toc de sua bengala nas lajes irregulares. Ele surgia de repente, dobrando uma esquina como um anjo dobra as asas para desaparecer.

Gostei ainda mais dele quando passou a vestir as roupas velhas de meu pai. O pulôver, a boina e a calça exageradamente larga. Via o pai envelhecido sem o risco de ele estar velho. Tinha duas idades, ao mesmo tempo, de ser filho.

Já adulto, conversando com minha mãe sobre as lembranças da infância, quase sofri um troço. Ela jura de dedos cruzados que não existiu o Alfredo, apenas o padre. Não pode, eu me lembro do cheiro dele. Cheiro de bolo de fubá.

Quando se é cordial, cumprimentamos até o invisível. O amor só precisa de uma testemunha: de quem o sente.

Se o Alfredo foi inventado, o sentimento pelo Alfredo não. Recebo a vida antes de incriminá-la. Minha família não está toda em casa.



Sinos de pedra

Busquei ser invisível quando pequeno. Não me esqueço de um dia em que tirei as minhas roupas e atravessei a sala, para horror das visitas de meu pai. Como ninguém comentou nada, jurava ter alcançado meu objetivo. Fui de novo. O casal congelou a xícara no queixo. Fiquei de castigo um longo tempo, que dava no mesmo que ficar invisível, já que não podia aparecer no futebol. Meus amigos vinham em casa perguntar onde eu estava e a família mentia que tinha adoecido.

As experiências unicamente funcionavam comigo sozinho (nunca me olhei direito).

Outras maravilhas foram testadas. Eu também me untei de minâncora para desaparecer. Usei o estoque das espinhas de minha irmã. Virei um fantasma rosado. O cachorro levou um susto. Em vez de sumir, chamei mais atenção, além de manchar todas as minhas roupas. Tentei também com vick, o que gerou acessos de calafrios a madrugada inteira. Aos poucos, notei que não havia fórmula miraculosa.

Conversei com o colega Irajá sobre o problema. Ele me entendeu e, um pouco espantado, explicou:

— É simples.

— O que faço, então? — perguntei, já indignado com a sua demora.

— Basta ser pobre como eu.

Cheguei em casa determinado a ser pobre. Separei minhas calças e camisas, minhas medalhas escolares, meu cofrinho de lata, meus gibis, meu kichute, o autógrafo do Zico, botei numa mala e coloquei na rua. A mãe capturou de volta antes da ação dos carroceiros. Ela resmungou apenas que era muito cedo para ser São Francisco de Assis, que esperasse um pouco mais.

Passei do tempo de ser santo, mas o desejo da invisibilidade da infância permanece intacto. O que explica meu horror aos sinos de pedra. São atraentes, melódicos, honestos, apesar de não tocar como os bambus ou

como as telhas de zinco. Sim, decoram a casa e os ouvidos. Sim, aproximam o teto do chapéu. Sim, refletem a luz. Sim, são o enfeite de berço dos adultos. Não estou fazendo campanha contra eles. Não é o som que me irrita. É sua função.

Transformam o vento num invasor. É como se o vento tivesse que bater a campainha para entrar na residência. É depender de um aviso e de um sinal para localizá-los.

É menosprezar o vento. A brincadeira do vento. A cabra-cega do vento. Diminuí-lo ao tamanho do corpo: doméstico, inofensivo, terrestre.

É colocar uma coleira no vento e ainda demarcar seu território.

Ou obrigá-lo a tocar oito horas de violino por dia antes de mergulhar no mar com seus colegas.

É cortar os cabelos do vento com pedras. É fazer o vento se engolir.

O vento não merece isso, logo o vento, a única criança que conseguiu ser invisível.

Pontaria

O mundo em que vivo não é o mundo que eu quero, mas o que preciso.

Na esquina de minha infância, um homem batia seu queixo como uma máquina de escrever. Ele estava enlatado em uma cerca, lata de sardinha. Não havia abridor grande para ajudá-lo. Galinhas voavam ao seu lado, espantadas com o barulho das teclas dos dentes.

Com o boné virado, ele ria como uma assombração. Assombrava e babava. Eu tinha medo dele, depois tive compaixão, hoje eu acho que ele era eu. Toda criança que passava ele chamava de cachorro, todo cachorro, de criança.

Um colega me disse que ele assistia à vida em preto e branco. Sofria da doença da cor. Ele morava perto do campo de futebol. Usava tênis sem cadarços e meias. Ficava zanzando na grade, gritando cachorro e criança, criança e cachorro.

Era menos perigoso do que o vizinho da outra esquina, com um tapa-olho de pirata debaixo dos óculos. Havia uma parada de ônibus na frente de sua casa. Os que sentavam na murada eram apedrejados por uma funda. Homem já feito, atirava as pedras pelas frestas da veneziana. A polícia nunca o encontrou. Sua péssima pontaria quebrou o vidro de um carro. Mudaram a parada de lugar. Mudaram meu bairro de lugar.

Autores

Fabrício Carpinejar

Fabrício Carpinejar acredita que a vida é feita para os corajosos. E que uma palavra na hora certa pode decidir caminhos. O autor nasceu em 1972, em Caxias do Sul (RS), e atualmente está radicado em Porto Alegre (RS). Poeta, cronista, jornalista e professor, publicou 30 livros ao longo de quinze anos de literatura. Atua como apresentador da TV Gazeta e da TVCOM, colunista do jornal *Zero Hora* e comentarista da Rádio Gaúcha. Ganhou vários prêmios, entre eles: duas vezes o Jabuti, edições 2009 e 2012, o de melhor livro infantojuvenil da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 2012, e o Olavo Bilac 2003, da Academia Brasileira de Letras.

Eloar Guazzelli

Nasceu em 1962, em Vacaria (RS). É ilustrador, quadrinista, diretor de arte para cinema e professor. Foi premiado em salões, como o Yomiuri International Cartoon Contest (1991), no Japão. Ficou em primeiro lugar na 2ª Bienal Internacional de Quadrinhos, além de premiações em festivais de cinema e humor no Brasil e no exterior.

Ilustrações: Eloar Guazzelli
Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral
Padrões: Laura Guidali Amaral e Rodrigo F.S.
Revisão: Mônica Ballejo Canto e Renato Deitos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C298n

Carpinejar, Fabrício, 1972-

Não atravesso a rua sozinho / Fabrício Carpinejar ; ilustrações Eloar Guazzelli.
- 1. ed - Porto Alegre, RS : Edelbra, 2013.

(Vida em pedaços ; 1)

ISBN 978-85-5590-030-3

1. Crônica. I. Guazzelli, Eloar. II. Título. III. Série.

13-04876

CDD-869.98

CDU: 821.134.3(81)-3

2016

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.